



</center

Sem consenso

O Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central vai anunciar nesta quarta-feira (17/4) a nova taxa básica de juros, que está em 18,5% ao ano. Na terça-feira, não havia consenso no mercado sobre qual seria a nova taxa – o dólar fechou com ligeira alta (0,04%), a taxa de risco caiu 1,74% e a Bolsa subiu 1,12%.

Sem folga

Primeira Leitura acredita que a taxa deve ser mantida. A folga que, no passado, permitiria ao BC ter sido muito mais agressivo do que foi no corte dos juros, já não é mais tão visível. Entre outros motivos, pelo comportamento da balança comercial que, a despeito do superávit, não é tranquilizador.

Desacertos

O preço do petróleo no mercado internacional oscila em um patamar mais elevado do que se supunha; a inflação brasileira está aí para demonstrar o desacerto da meta acordada com o FMI; e, por fim, o desespero eleitoral do PFL tirou a margem existente na política fiscal do governo.

Meta ampliada

Enfim, o cenário deixou de ser tão favorável. Mesmo a mudança de enfoque promovida pelo Banco Central – que, corretamente, abandonou a idéia de perseguir o centro da meta inflacionária – acabou sendo engolida.

Emergentes

Não por acaso, ao lado de grosseiras bobagens, como o suposto retorno do que nunca existiu – o chamado risco eleitoral -, o relatório semestral da agência Fitch aponta que Brasil, Turquia e Líbano serão os emergentes mais afetados pela combinação da recuperação da economia dos EUA, da elevação dos preços do petróleo e da perspectiva de alta dos juros no mercado global.

O que ele diz



A revista **Primeira Leitura** pretendia publicar em maio uma entrevista com Ciro Gomes, pré-candidato do PPS – e de quem mais chegar – ao Planalto. Ele mandou um recado: não falará à revista porque não a considera “de confiança”.

Para os leitores

Ciro tem razão. **Primeira Leitura** – revista, site e esta coluna – não é mesmo da confiança do candidato. Nem da de Lula, Serra ou Garotinho. É da confiança dos leitores. Tanto é que, no mês de março, o site teve nada menos de 39.191 visitantes. Até terça-feira, passava de 22 mil o número de visitantes de **Primeira Leitura** em abril.

Assim falou...um funcionário do Pentágono

“Nós enviamos sinais sutis de que não gostamos desse cara.”

Do jornal *The New York Times*, que publicou reportagem sobre o envolvimento do governo americano no golpe militar que tentou derrubar o presidente da Venezuela, Hugo Chávez. Segundo o *Times*, autoridades do governo Bush se encontraram diversas vezes nos últimos meses com os militares golpistas.

Tudo é história

As reportagens dando conta do envolvimento dos Estados Unidos na tentativa de derrubada de Hugo Chávez na Venezuela não chega a surpreender, dada a qualidade dos ocupantes de postos-chaves da administração republicana encarregados da América Latina. O governo de George W. Bush virou um grande centro de reabilitação para funcionários envolvidos no escândalo da era Reagan que ficou conhecido como Irã-Contras – uma tentativa da Casa Branca de trocar armas por reféns americanos do regime dos aiatolás.

O esquema servia para financiar as milícias que tentavam derrubar o regime sandinista na Nicarágua. O novo secretário-assistente de Estado para a América Latina, Otto Reich, participou de atividades secretas proibidas no caso Irã-Contras. O almirante da reserva John Poindexter, hoje servindo no Pentágono, foi assessor de Reagan e sabia que lucros da venda ilegal de armas eram desviados para os Contras.

Elliot Abrams, secretário-assistente de Estado para a América Latina nos anos Reagan, supervisionou a política para os contras e minimizou relatórios sobre massacres militares na região. Hoje trabalha para o Conselho de Segurança Nacional, cuidando de temas relativos a direitos humanos e democracia...

Revista **Consultor Jurídico**, 17 de abril de 2002.

Date Created

17/04/2002